

Urnas definem espaço de grupos no PMDB

JEOVA FRANKLIN
Da Editoria de Política

Quem vai decidir o futuro do PMDB após novembro são as urnas, quando uma nova composição de forças, dentro do partido, será fixada a partir do quociente eleitoral obtido pelas "faccções" que se encontram na disputa não só pelos cargos eletivos como pela conquista de maior espaço dentro da legenda.

Na previsão do presidente do partido no DF, Milton Seligman, "é perfeitamente possível que muitos nomes, hoje sem representação na Executiva do Diretório, assumi que postos na direção partidária, com base na votação que obtiver, mesmo que não consigam uma cadeira na Câmara ou no Senado.

Essa posição está facilitada e prevista, desde a posse dos atuais membros da Executiva, que assumiram o compromisso de colocar seus cargos à disposição do diretório regional, que realizará uma análise do desempenho da atual diretoria à luz dos resultados das urnas de 15 de novembro.

— Com a nova composição de forças dentro do PMDB — prevê Seligman — será definido um novo tipo de relação do partido com o Palácio Buriti, que, de sua parte, também deverá fazer uma nova arrumação em sua equipe, em função das forças políticas que ganharem ou perderem espaço nas urnas.

A reorganização do Governo em função dos resultados das eleições de novembro está sendo defendida pelo PMDB tanto a nível do Governo do Distrito Federal como a nível do Governo Federal, pois segun-

do o dirigente do PMDB "o anseio popular terá que ser atendido em todos os escalões".

Qualquer que seja o resultado das eleições, os dirigentes do PMDB preveem o crescimento da legenda, sob o argumento de que muitos companheiros ao se depararem com a falta de espaço para suas aspirações, procuraram partidos menores. Com a pouca perspectiva que os pequenos partidos contam para atingir o quociente eleitoral mínimo para se fazer representar na Constituinte, os dirigentes do PMDB esperam que os companheiros voltem ao antigo ninho. E, como cacife, será levado em consideração a votação obtida por cada um deles.

Otimista, Milton Seligman vê o PMDB unido na disputa eleitoral, com as divergências entre as várias "faccções" estando perfeitamente acomodadas. Com isto, ele acha que quaisquer que sejam os resultados das eleições, o partido continuará como uma grande força política.

A visão do presidente do PMDB é, na verdade, excessivamente otimista. No momento, há uma aparente acomodação de facções e de candidatos todos, com exceção de dois, apóiam agora em palanque ou não, o governador do Distrito Federal. Arredios aos programas de inaugurações de José Aparecido, apenas Maerle Ferreira Lima e Aristóteles Gusmão, candidatos ao Senado e à Câmara.

Há menos de três semanas essa, contudo, não era a posição da maioria da Executiva do partido e dos candidatos à Câmara dos Deputados. Até o fim do mês de setembro, o gover-



Milton Seligman

nador só poderia contar com o efetivos: Milton Seligman (do grupo Fundação Pedrosa Horta), Galvão Domingos (vice-presidente e do grupo Movimento JK), Carlos Muriilo e Lindberg Cury (vogais). Em posição de hostilidade ao Palácio Buriti estavam Maerle Ferreira Lima (1º vice-presidente), Múcio Athayde (vogal), Joselito Correia (secretário-geral), Paulo Campos (tesoureiro) e Abrão Cavalcanti, (2º secretário).

Entre os candidatos ao Senado, o Governador enfrentava a oposição apenas de Maerle Ferreira Lima e do então candidato Múcio Athayde. Entre os concorrentes à Câmara, a posição era bem mais difícil para o lado do Palácio Buriti.

Se naquela ocasião fossem expedidos convites pelo governo do Distrito Federal para os 12 nomes registrados como candidatos a deputado federal pela legenda do PMDB, eles certamente seriam recusados por Marco Antônio Campa-

nela (MR-8 e Movimento JK), Joselito Correia (Movimento JK), Sigmaringa Seixas (Fundação Pedrosa Horta), José Oscar (Ala Progressista), Fernando Tolentino (Bloco Popular), Sebastião Gomides (Assembleia Comunitária) e Aristóteles Gusmão (Ala Progressista).

Com o passar dos tempos e a repercussão que iam tendo as inaugurações do GDF — e com a constatação, nas pesquisas de opinião, de que os índices de rejeição do eleitorado de Brasília em relação a José Aparecido se apresentava muito pequeno, constituindo-se num eleitorado de apenas 12% — os rebeldes foram, aos poucos, mudando de posição. A verdade é que a hostilidade ao Palácio Buriti não estava melhorando a posição eleitoral de ninguém.

Assim, os convites para os palanques de José Aparecido foram sendo aceitos sem restrições, a eles aderindo todos os candidatos à Câmara dos Deputados, com exceção apenas de Aristóteles Gusmão (que se declarou publicamente arredo ao Buriti) e Joselito Correia (do Movimento JK) na incômoda posição de não mais ser rebelde ao Palácio do Governo, a partir do momento em que seu companheiro de Movimento JK, Luciano Barreto, foi nomeado para a diretoria da TCB, mas sem condições de subir aos palanques do GDF por falta de convite.

A coesão prevista por Seligman, hoje ensaiada em torno das inaugurações de José Aparecido poderá, entretanto, não resistir ao novo jogo de forças que emergirão as antevésperas do verão, uma vez digeridos os resultados das urnas.